

## Da Rebelião Revolucionária à Moderação: o Maio de 68 e o Abandono do Radicalismo<sup>1</sup>

Márcio Mendes ANDRADE<sup>2</sup>  
Graduando

Victor Silva Mello KALLUT<sup>3</sup>  
Graduando

Phillippe Sendas de Paula FERNANDES<sup>4</sup>  
Doutorando

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Em maio de 1968, a França foi palco de um dos maiores movimentos de revolta estudantil e proletária do século XX. O levante, iniciado por estudantes da Universidade de Nanterre, rapidamente tomou proporções nacionais e teve a adesão de camadas populares da sociedade francesa, em uma ação de enfrentamento ao governo de Charles de Gaulle. Uma das características mais marcantes desse processo foi o radicalismo: os manifestantes tinham um discurso que propunha extrema transformação e utilizavam de violência em seus protestos. Este artigo busca compreender o radicalismo presente no Maio de 68, bem como o que levou seus líderes a abandonarem tais ideais. A análise é feita partir de seis edições do periódico *O Globo* e três do *Correio da Manhã*.

**Palavras-chave:** Historiografia da Mídia; Maio de 68; Revolta; Movimento estudantil.

### Introdução

No final dos anos de 1960, o mundo era testemunha de eventos que, anos depois, seriam relatados como alguns dos mais impactantes do século XX. Em determinadas partes do planeta, ocorria um acirramento de lutas por independência e emancipação — como nos Estados Unidos, com a revolta afro-americana, e na Argélia, onde a Guerra pela Independência se findou no início da década — em outros, havia uma forte investida de controle estatal. Nesta situação encontrava-se, por exemplo, o Brasil, devido à ditadura militar que teve início em 1964; assim como o Vietnã, palco de combate entre as maiores potências globais da época, no auge da Guerra Fria.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, e candidato ao Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Jornalismo, segundo período, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [marcio.andrade@discente.eco.ufrj.br](mailto:marcio.andrade@discente.eco.ufrj.br).

<sup>3</sup> Graduando do curso de Jornalismo, segundo período, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [victor.kallut@discente.eco.ufrj.br](mailto:victor.kallut@discente.eco.ufrj.br).

<sup>4</sup> Professor da disciplina *Laboratório de pesquisa: tramas da pesquisa em acervos digitais*, ministrada entre agosto e novembro de 2020, com a professora Marialva Barbosa. Doutorando em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. E-mail: [psendas7@gmail.com](mailto:psendas7@gmail.com).

Em meio a esse conturbado cenário externo, a França não era uma exceção de paz. Embora não presenciasse conflitos armados ou revoltas de maior magnitude dentro de seu território, isso não significava total satisfação da população no que diz respeito à situação nacional, principalmente se levarmos em conta a classe operária e os estudantes universitários. Os dois eram, mesmo que separadamente e sem um planejamento mais estruturado, agentes de manifestações ao longo das principais cidades do país. Seja em contestação ao modelo de produção vigente ou ao ensino reproduzido nas universidades, esses dois grupos sociais estavam ativos, antes mesmo dos acontecimentos em maio de 1968.<sup>5</sup>

Nessa conjuntura, o mês de maio daquele ano começou com um protesto movido por estudantes da Universidade de Nanterre. Ainda que não tenha sido a primeira manifestação feita por um corpo estudantil em 68, essa em especial foi, talvez pela primeira vez de forma mais emblemática, marcada por um explícito confronto entre policiais e civis (THIOLLENT, 1998, p. 67). Entre arremessos de paralelepípedos, acusações de nazismo contra a polícia por parte dos universitários e incêndios de veículos, era desenhado um cenário que seria o estopim para um movimento que, apesar de curto em sua duração, foi marcante na questão das lutas sociais pela Europa.

A radicalidade — e, mais precisamente, sua expressão em forma de violência — é o objeto de estudo deste artigo. A união entre duas classes que protagonizaram os acontecimentos (estudantes e operários), a maneira de se rebelar contra a ordem do Estado, as pautas revolucionárias e ambiciosas levantadas pelos líderes estudantis e, posteriormente, o abandono desses ideais por parte dos mesmos: todos esses elementos serão englobados em nossa análise.

Este texto surgiu a partir do interesse da questão da violência como forma de revolução. A noção de que os temas em debate são urgentes e, ao mesmo tempo, a perspectiva política de tornar incapaz o vislumbre de melhorias por vias burocráticas é algo intrigante, considerando ou não esse entendimento da realidade como sendo o correto. Além disso, a aspiração de eternizar um ideal por meio da direta interferência na materialidade de um local, assim como a mais simplória intenção de “chocar” e chamar a

---

<sup>5</sup> Para uma análise mais detalhada sobre os contextos nacional e internacional que antecedem o Maio de 68, ver THIOLLENT (1998). Maio de 68 em Paris: testemunho de um estudante. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20701998000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701998000200006). Acesso em 3 jun. 2021.

atenção são características da violência revolucionária que, estando notoriamente presente no Maio de 68, fazem dele um rico tema a ser explorado.

Para realizar estas reflexões, fizemos uso do material empírico proveniente dos jornais *Correio da Manhã* e *O Globo*. Daquele, utilizamos três edições contemporâneas aos eventos. Desse, consultamos seis: quatro do ano de 1968 e duas especiais publicadas posteriormente. Os volumes contemporâneos aos eventos nos deram uma luz de como tudo foi noticiado, e os lançados anos depois puderam auxiliar a conhecer melhor de que forma alguns dos principais personagens da época abdicaram de muitas de suas convicções. Nada seria possível sem o acompanhamento dos professores Marialva Barbosa e Phillippe Sendas, responsáveis pela disciplina Laboratório de pesquisa: tramas da pesquisa em acervos digitais, realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este trabalho é, sem dúvida, fruto de um esforço coletivo, e todo esse apoio foi e continua sendo fundamental nesta jornada de descobrimento em torno das ciências da comunicação.

## **1. O papel da violência na escritura de acontecimentos políticos**

Antes de começarmos propriamente a análise do material empírico, a fim de entender mais profundamente de que maneira se dava a *práxis* do Maio de 68, é necessário fornecer um arcabouço teórico que dê conta dos eventos ocorridos na França. Isto se dá, pois, a despeito de uma aparente espontaneidade e improviso, presentes em todo o processo de levante contra o governo Gaullista. Na realidade, o movimento é composto, em suas manifestações, por ações com interesses — para além dos econômicos e sociais — políticos, ideológicos e históricos bem definidos, apesar deles não serem, na maior parte do tempo, explicitados ao grande público.

Diante desse objetivo, dois conceitos se mostram necessários para uma melhor compreensão dos acontecimentos: as noções de mito e escritura; e, para este trabalho, em especial, a compreensão de Roland Barthes acerca destes tópicos.

### **1.1. O mito burguês**

O mito trata-se de uma fala<sup>6</sup> — e não de um conceito (BARTHES, 2001, p.131); assim sendo, ele é uma maneira de pôr nas coisas significado. Não é, de modo algum, algo intrínseco no mundo material, *a priori*. A história define o que será transformado em mito.

O que é o mito, hoje? Darei desde já uma primeira resposta, muito simples, que concorda plenamente com a etimologia: *o mito é uma fala*. [...] Naturalmente, não é uma fala qualquer. [...] Pois é a história que transforma o real em discurso, e é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas (BARTHES, 2001, p. 131-133).

Como é possível, então, que surja um mito? De que jeito a fala, em sua pureza, dá lugar a um mito que se instala? Isto se dá através do roubo da linguagem; da apropriação. As minuciosidades deste processo, entretanto, ficarão de lado aqui. O interesse principal é discorrer sobre os usos desses mitos para fins políticos, ideológicos e históricos.

Portanto, quem — ou que classe — é responsável por efetuar os roubos de discurso? Para Barthes, a resposta é simples: a burguesia. Ora, sendo ela a detentora do poder em nossa sociedade, não é surpresa que seja a responsável pelas apropriações. Frente a este esclarecimento, a questão de maior importância surge em nosso caminho: qual a utilização do mito no mundo? É neste ponto que focaremos nossos esforços.

Os propósitos de maior impacto do mito na realidade são os de transformação da burguesia em uma classe anônima e a despolitização do discurso. Embora não sejam os dois firmemente isolados em suas ocorrências, a explicação em separado de cada um mostra-se mais válida para o momento. Primeiramente, elucidemos a noção de como a burguesia se camufla e consegue ter a aparência de sociedade anônima.

Barthes (2001) irá dizer que, embora ela (a burguesia) possa ser denominada facilmente no campo econômico — vide o capitalismo, que não tem receio algum em declarar-se tal como é —, a mesma não se comporta igualmente nas esferas política e ideológica: “a burguesia define-se como *a classe social que não quer ser denominada*” (BARTHES, 2001, p. 158). Este fator, somado ao controle social, culmina na conversão dos valores burgueses em universais. A cultura, o vocabulário e suas demais encarnações

---

<sup>6</sup> “Entender-se-á portanto, daqui por diante, por *linguagem, discurso, fala* etc., toda unidade ou toda síntese significativa, quer seja verbal ou visual” (BARTHES, 2001, p. 133, grifos do autor).

(do casamento até a Justiça), nada mais são do que incorporações do que a própria burguesia criou para as demais camadas sociais.

Outro efeito do mito, como supracitado, é a despolitização da linguagem. Ela se dá por uma via de “evacuação do real” (BARTHES, 2001, p.163), na qual tendo uma fala sido apropriada, perde ela sua profundidade política e histórica e torna-se suave, satisfazendo o interesse burguês de uma mera constatação de fatos sem questionamentos. Um pertinente exemplo dado por Barthes é em relação ao que nomina como “imperialidade francesa”. Hoje, conversa-se sobre a mesma sem explicá-la devidamente; apenas constata-se sua existência como se fosse “natural — sem mencioná-la como sendo um processo histórico de inúmeros crimes e atrocidades.

Se constato a imperialidade francesa sem explicá-la, pouco falta para que a ache normal, *decorrente da natureza das coisas*: fico tranquilo. [...] O mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, [...] organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, cria uma clareza feliz: as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias (BARTHES, 2001, p. 163-164).

Isto posto, ao menos é possível concluir contra o que os ativistas do Maio de 68 estavam lutando: confrontavam eles, além de condições mais facilmente expostas na esfera econômica, toda a naturalização dos valores burgueses e a cultura imposta pela classe dominante encarnada, muitas vezes, em seu proibicionismo, regramento sexual e moral questionável. Citando novamente Barthes (2001, p. 59), “a burguesia acaba sempre por colidir com um núcleo resistente que é, por definição, o partido revolucionário”. É esta a intenção da revolução e, por consequência, dos manifestantes franceses em 68: expor o que o mito da classe dominante tenta esconder, em suas mais diversas instâncias.

## 1.2. A escritura e a violência

Ante os mitos presentes nas falas da modernidade burguesa, de que forma o partido revolucionário<sup>7</sup> se opôs diretamente a eles em maio de 68? Qual a estratégia política adotada por aqueles que resolveram combater o estado francês naqueles

---

<sup>7</sup> Neste caso, mesmo que não haja um núcleo formalmente denominado “partido revolucionário”, consideraremos o corpo dos estudantes e operários envolvidos nos acontecimentos como tal. Isto ocorre pois, mesmo que não tenham adotado uma nomenclatura ou cultura política rígidas, suas ações no real correspondem a um enfrentamento claro à classe dominante.

episódios? Veremos que a tática empregada correspondeu a uma escritura política por vias da fala, do simbolismo e da violência (AGOSTINHO, 2015) — sendo esta, o alvo principal de análise deste texto.

Mostra-se necessário, primeiramente, definir o que é a escritura. De acordo com Roland Barthes, “ela é uma relação entre a criação e a sociedade, ela é a linguagem literária transformada em sua destinação social, ela é a forma tomada na sua intenção humana e ligada às grandes crises da História” (BARTHES, 1993, p. 172 apud AGOSTINHO, 2015, p. 33).

“Se a língua é aquilo que há de comum a todos os escritores de uma época e o estilo é um mergulho na mitologia pessoal e secreta do autor (BARTHES, 1993, p. 178), a escritura é uma *escolha* do escritor, produto da reflexão sobre o uso social da sua forma. [...] Ou seja, entre o possível da língua e o estilo individual se constitui um espaço de experimentação formal em que o que está em questão é o destino social da forma” (AGOSTINHO, 2015, p. 33-34).

A escritura é, portanto, uma escolha do autor acerca do uso social mais adequado para escrever um acontecimento. Agostinho (2015) dará ainda o exemplo do stalinismo, no qual sua escritura política dava-se por meios coercitivos: “No stalinismo a linguagem do conhecimento se transforma em linguagem do valor. A escritura política do stalinismo, por exemplo, é coercitiva” (AGOSTINHO, 2015, p. 34).

É indispensável ressaltar que a escritura política do que denominamos aqui como partido revolucionário — e, logo, também a realizada pelos estudantes e trabalhadores franceses — é, por constituição, oposta ao mito; isto é, não transforma-se em mito em circunstância alguma. A razão disso é que, ao contrário deste, que visa despolitizar e naturalizar o mundo, a revolução revela toda a carga política que ele possui. Como dito por Barthes (2001, p. 166): “É por produzir uma fala *plenamente*, isto é, inicialmente e finalmente política, e não, como o mito, uma fala inicialmente política e finalmente natural, que a revolução exclui o mito”. Dentro desta escritura política revolucionária, a maneira mais intrigante de materializá-la é por meio da violência. Isto porque ela, ao contrário de outras expressões (como a fala e os símbolos), visa uma eternidade; uma irreversibilidade na matéria. Contrapúnhamos ela às outras formas já citadas e veremos com mais clareza sua singularidade.

A escritura política exposta na fala,<sup>8</sup> no Maio de 68, teve funções importantes: a divulgação da causa e o próprio embate por meio do discurso, além de ser a principal arma dos estudantes na comunicação com o resto do país. O simbolismo, manifestado em bandeiras, vestimentas, barricadas, inscreve o evento na História (AGOSTINHO, 2016). É a forma que, em certos casos, os indivíduos do futuro terão de reconhecer e associar o levante estudantil e proletário, no final da década de 1960, com seus contextos social e histórico, em adição a conhecê-lo enquanto acontecimento factual em si.

A violência difere das anteriores na medida em que interfere diretamente na materialidade e sua desconsideração é impossível. A fala, por maior o esforço feito em disseminá-la e fazê-la ecoar, pode ser ignorada. O símbolo, apesar de realizar a inscrição do evento na História, muitas vezes não choca ou atrai a atenção devida, além de (logicamente) não intervir no que é físico. A violência, por outro lado, supre as lacunas deixadas pelas outras escrituras. Ela não pode ser ignorada justamente porque intervém de forma clara e direta no que é material; é um traço irreversível (AGOSTINHO, 2015). Fora isso, o ato violento, com sua intervenção na realidade, perdura um ideal; torna-o constituinte de um lugar social. Nos dizeres de Agostinho (2015, p. 37): “se a palavra se dissolve no ar, a violência fica”.

## 2. O radicalismo em ação

Ainda que estejamos munidos de um denso estudo sobre a teoria política de um evento, faz-se indispensável, no campo da comunicação, um entendimento acerca dos processos comunicacionais envolvidos no objeto da análise. Neste caso, devido à limitada possibilidade de desenvolvimento, optaremos por examinar apenas a narração dos acontecimentos a partir dos jornais *Correio da Manhã*<sup>9</sup> e *O Globo*<sup>10</sup>, considerando as

---

<sup>8</sup> Neste caso, o significado de fala vai mais de acordo com o senso comum; o ato da oralidade. Não obstante, a fala do Maio de 68 tenha sido exteriorizada de diferentes formas — a fala radiofônica, a fala como lugar de ser e a fala dos estudantes (AGOSTINHO, 2015) — englobaremos, aqui, suas características gerais. Para mais detalhes sobre a fala como escritura política no Maio de 68, ver AGOSTINHO (2015).

<sup>9</sup> Jornal fundado em 1901 por Edmundo Bittencourt, no Rio de Janeiro. Atualmente funciona através de seu endereço online: <https://www.jornalcorreiodamanha.com.br/>. As edições aqui utilizadas foram encontradas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde estão os números do periódico dos anos de 1901 até 1974.

<sup>10</sup> Periódico fundado também no Rio de Janeiro por Irineu Marinho, em 1925. Permanece como um dos jornais de maior tiragem do país, tendo também seu site na internet — <https://oglobo.globo.com/>. Os números consultados para este trabalho foram achados em seu acervo digital online.

edições publicadas no corrente ano dos protestos, assim como duas edições de caráter comemorativo, publicadas posteriormente.

No dia 5 de maio de 68, o *Correio da Manhã* anuncia em sua primeira página “um violento choque de estudantes e polícia em Paris”, contabilizando 600 presos em decorrência do confronto. A ocupação da Universidade de Nanterre, tida como a gênese dos protestos, já foi, ali, retratada como um episódio de violência, como é possível observar na quarta página do jornal: os participantes nos protestos são classificados como “anarquistas” e menciona-se o fato de terem atirado, contra os policiais, “granadas improvisadas e acondicionadas em latas com líquidos inflamáveis providas de um pavio” (*Correio da Manhã*, 5 mai. 1968, p. 4).

De semelhante modo, quatro dias depois, *O Globo* estampava que havia acontecido, nas ruas de Paris, “violentos choques entre estudantes e a polícia”. Nessa ocasião, a informação era de que parte dos manifestantes teria arremessado paralelepípedos retirados das ruas para responder às bombas de gás lançadas pelos guardas, enquanto um outro grupo levantava barricadas em uma das avenidas do Quartier Latin. Somado a isso, era noticiado o incêndio de “40 veículos motorizados, inclusive 11 ônibus”, todos resultantes da manifestação estudantil (*O Globo*, 8 mai. 1968, p. 1).

Nos dias seguintes, o *Correio da Manhã* continuou a expor o desenrolar da luta universitária francesa e seus aspectos mais radicais. Em 12 de maio, compartilhava com seus leitores, a hospitalização de 54 pessoas devido aos protestos, além da apreensão de 468 indivíduos, dos quais 63 estavam armados, assim como novos incêndios — desta vez, sendo um café de Paris um dos locais tomados pelas brasas. No dia 14 do mesmo mês, o jornal já comunicava a adesão de 10 milhões de trabalhadores às greves, em apoio aos universitários, e que, por Sorbonne amanhecer de portas abertas e sem policiamento, “grupos esquerdistas realizaram um comício e içaram bandeiras vermelhas e do Vietcong”, entretanto sem incidentes dessa vez (*Correio da Manhã*, 12 a 14 mai. 1968).

Segundo o próprio periódico, alguns consideravam a motivação por trás das revoltas como uma tentativa de “impor, mediante a violência, suas convicções revolucionárias” (*Correio da Manhã*, 12 mai. 1968, p. 1). Os que pensavam assim não estavam errados. Da esfera econômica e passando, sem eufemismos, inclusive pela área da família — como a frase de Jean-Paul Sartre “família, eu te detesto”, repetida pelos

chamados “filhos de maio” (*O Globo*, 30 abr. 1978, p. 24) — o Maio de 68 era um movimento de aspiração revolucionária.

Figura 1: Recorte da primeira página do jornal *O Globo*, destacando a invasão dos estudantes a uma escola parisiense.



RADIOFOTOS AP — O GLOBO  
ESTUDANTES INVADEM ESCOLA EM PARIS ARROMBANDO PORTA

Fonte: *O Globo*, 22 mai. 1968, p. 1.

Os slogans, os protestos, as bandeiras, as mensagens emitidas, tudo referente ao Maio de 68 indicava que a intenção dos protestantes era, de fato, uma revolução: “De agora em diante, nada mais será como antes’, diziam os que viam se espalhar pelas ruas do Quartier Latin, bairro estudantil de Paris” (*O Globo*, 30 abr. 1978, p. 24). De acordo com Jean François Bizot, falecido jornalista que participou ativamente dos episódios, os manifestantes acreditavam que “tudo era possível”. As reuniões com os operários eram, para ele, emocionantes, e acreditavam estar “escrevendo uma página importante da história”, ou ainda, que eram, eles próprios, a História. A fé era tamanha que, em suas palavras, eles desejavam que os universitários fossem para o campo e, os camponeses, para a universidade. Caso alguém questionasse a possibilidade de uma economia nesses moldes, Bizot afirmava que os protestantes seriam capazes até de “cuspir em seu rosto” (idem).

Daniel Cohn-Bendit, principal líder estudantil dos protestos, também reiterou, anos depois, o caráter antissistêmico do Maio de 68 e, aliás, assumiu certa responsabilidade pelos atos terroristas cometidos pelos membros da RAF (Fração do

Exército Vermelho), na mesma época, embora classifique-os como um “subproduto da fobia antiimperialista da época”. Salientou ainda que o levante popular não era formado por um grupo organizado, mas que havia apenas uma tendência antiautoritária (*O Globo*, 11 mai. 2008, p. 2).

Em vista disso, é possível mostrar, por meio dos periódicos contemporâneos aos eventos e dos publicados décadas depois, a violência e o radicalismo como sendo partes essenciais do Maio de 68. Seja nas ações manifestadas na materialidade ou no discurso difundido pelos líderes da mobilização, a contestação ao que é mais natural no mito burguês não passa despercebida, e a tentativa de revolução daqueles estudantes e operários, apesar de falha, colocou em evidência muito do que a classe dominante se empenhou em manter oculto durante vários anos.

### **3. A negação da revolução**

O embate contra os mitos burgueses terminou, desse modo, com o triunfo revolucionário? A revolução e a imortalidade material foram consolidadas? A História mostra que não. Efetivamente, o pós-Maio de 68 mostrou-se bem menos promissor do que os combatentes imaginavam. Nesta fala não está inserido, entretanto, menosprezo às conquistas obtidas com os protestos; nota-se, apenas, que os ambiciosos projetos presentes nas mentes dos líderes da revolta não se transformaram em ganhos concretos na realidade. A despeito dos avanços obtidos em negociações com o Estado, a revolução não floresceu — e muito menos a imortalidade material do evento. É certo que o Maio de 68 se tornou um marco na cronologia das lutas operárias e estudantis europeias, porém sua relevância, para os dias atuais, não se traduz de maneira tão impactante — e isso segundo duas das principais figuras envolvidas.

Tido como o principal líder estudantil da Europa naquele período, como já enfatizamos, Daniel Cohn-Bendit, deputado do Parlamento Europeu pelos Verdes, considera que o Maio de 68 “não nos dá mais uma resposta para as questões cruciais dos dias de hoje”. Para ele, o autoritarismo e imperialismo, patentes na década de 60, eram problemas que requeriam uma ação mais urgente; no entanto, as principais lutas do século XXI seriam contra as catástrofes climáticas e a globalização injusta, por exemplo. Dono de posicionamentos visivelmente mais moderados, expostos em seu livro *Esqueça 68*, Cohn-Bendit repudia até mesmo a postura mais radical adotada pelos protestos,





que habitavam na mente de jovens com sede de rebeldia. Ironia da História: a violência, escritura que almeja marcar de maneira definitiva o real, compactuou para um maior anacronismo do Maio de 68, sendo incapaz de perdurar a mensagem no longo prazo e provocando, no senso comum, a noção de que o movimento, mesmo chocando a mídia e os homens, nada mais foi do que uma explosão efêmera de uma política não mais condizente com os dias de hoje.

### **Considerações finais**

Ao longo das três seções desenvolvidas foi possível, por meio de um amparo teórico e empírico, mostrar um dos episódios mais emblemáticos do século XX e seu desenvolvimento enquanto formador de um legado histórico e político. Constatamos aqui sua derrota; contudo, é imprescindível mencionar que, ainda que o tão almejado abatimento definitivo dos mitos da burguesia não tenha sido bem sucedido, o Maio de 68 perdura na memória como uma emblemática ofensiva popular e continua a servir de inspiração para ações de movimentos revolucionários.

Um movimento unificador de classes e de dimensão continental ter se originado a partir de uma ocupação universitária em Nanterre é, seguramente, algo a ser levado em consideração. A série de protestos naquele mês, ainda que falha em certos pontos e sem a concreta mudança que esperavam, serviu para mostrar a força das camadas populares e como da espontaneidade podem surgir grandes manifestações da vontade proletária e estudantil. O Maio de 68 serve para dar esperança aos que almejam um futuro de ruptura com o poder burguês, mesmo que não seja possível transportá-lo em diversos quesitos para o presente.

Um dos principais meios utilizados nesse combate, a violência, foi e continua sendo objeto de amplo debate acerca de sua utilização em processos revolucionários. Portanto, é necessário um esclarecimento sobre ela: embora seu uso tenha, no Maio de 68, desembocado em certo anacronismo, não é possível dizer que este fim se dará em todos os cenários. Vale lembrar que os episódios em questão foram frutos de um improviso, sem uma organização prévia ou projeto político que sustentasse e orientasse as decisões tomadas, além de protagonizado, querendo ou não, por estudantes. A violência, quando empregada por uma organização detentora de um norte político mais firme e dentro de um contexto em que a revolução seja parte, não de uma vontade provocada pela

oportunidade, mas de um plano de maior magnitude, pode surtir outros efeitos — estes até mais duradouros.

As figuras de Daniel Cohn-Bendit e Jean François Bizot, essenciais para a análise, foram escolhidas pois, para além de serem representantes da causa estudantil europeia na década de 60 e terem compartilhado com o mundo suas convicções, são retratos de uma progressiva moderação e de um abandono, cada vez maior, de posições políticas mais radicais. Os dois que, ou eram protagonistas de atos de rebelião contra autoridades ou os divulgavam enquanto jovens, tornaram-se, quando adultos, quase que “renegados” do movimento que tanto ajudaram a construir, contribuindo para a propagação da fama do Maio de 68 como levante de uma juventude utópica. Afinal, se os próprios líderes rejeitaram a causa ao atingirem a maturidade, a verdadeira possibilidade dela em si entra em cheque, mesmo que recheada de boas intenções.

Por isso, dos eventos de 68 é necessário tirar a motivação, porém da mesma maneira impor autocritica. A imprevisibilidade, como já mencionado por Bizot, é um fator não mais presente nas lutas da atualidade; se a radicalidade se faz urgente, que seja sustentada por uma teoria sólida e que dê conta de não só chocar e chamar a atenção, mas de realmente eternizar, na memória ou nas materialidades, os ideais em prol de uma sociedade mais justa. Os mitos continuam de pé e o concreto já não traz a marca da revolta popular; entretanto, com o devido planejamento e direção, é possível externalizar, no real, uma forma de contestação a não ser absorvida pela mitologia burguesa.

### Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Larissa. Barthes político: escrever maio de 68. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, 33-38, dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/109017/107494>. Acesso em: 3 jun. 2021.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GREVE em Paris apóia estudante. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 maio 1968. 2º Caderno, p. 16.

MAIO de 1968 – 10 anos depois. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 abr. 1978. Página 24.

O GLOBO. **Estudantes invadem escola em Paris arrombando a porta**. Rio de Janeiro, 22 maio 1968. 1 fotografia. Página 1.

PARIS após motim tem greve geral. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 maio 1968. 1º Caderno, p. 4.



PARIS: Estudantes Desafiam De Gaulle e Voltam às Ruas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 maio 1968. Página 8.

SORBONE: polícia ataca estudantes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 maio 1968. 1º Caderno, p. 4.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo Social**, v. 10, n. 2, p. 63-100, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/444DQVn33fzbR57dbgDDWWy/?lang=pt>. Acesso em: 3 jun. 2021.

UM LEGADO de perguntas sem respostas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 de maio 2008. Página 2.

VIOLENTO choque de estudantes e polícia em Paris: 600 presos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 maio 1968. Página 1.